



www.bancariosdf.com.br

Espelho

Brasília, 8 de setembro de 2008



Começa a queda-de-braço: negociações com a Fenaban e o BB

No desenrolar das negociações, é necessário que a mobilização dos bancários se intensifique nos locais de trabalho, em defesa das reivindicações gerais da categoria e por questões específicas. A orientação da Conferência Nacional dos Bancários, realizada no final de julho, é para que a greve seja preparada nacionalmente, em todos os bancos, para que possa ser deflagrada em momento oportuno, com a agilidade e o vigor necessários.

No Banco do Brasil, a necessidade de ampliar e fortalecer a luta, com organização e mobilização a partir dos locais de trabalho, está colocada de forma muito clara, dado o histórico de conflitos do último período, por conta dos ataques da direção do banco aos funcionários. E o início das negociações específicas demonstra que as perspectivas não são nada animadoras, porque a má-vontade, o jogo de cena e a intransigência da cúpula do banco dão sinais claros de que continuam como dantes.

Gestão de pessoas com provocação

A diretoria do Sindicato repudia o conteúdo e a forma do discurso que o vice-presidente de Gestão de Pessoas, senhor Luiz

Oswaldo, vem fazendo ao reunir gerentes em todo o país. Principalmente pelo conteúdo ofensivo, chegando a falar sobre os limites que a empresa quer impor ao funcionalismo nas negociações.

Em Brasília, a inconseqüente reunião ocorreu no dia 1º de setembro. Repetindo o que falou em outras reuniões, o vice-presidente disse que o PCS e a lateralidade não serão modificados, jogando no lixo a pauta de questões específicas que o funcionalismo entregou ao BB em 13 de agosto.

Os argumentos usados pelo executivo do banco não tem fundamentos legais nem morais. A criação da lateralidade e o fim do pagamento das substituições no ano passado foi uma fraude aos direitos dos trabalhadores. Veio em cima de outra fraude, relativa à jornada de trabalho, em especial no caso da ativação de milhares de comissões de assistentes de negócios que deveriam trabalhar seis horas, mas trabalham oito horas.

O funcionalismo não reconhece esses limites e lutará até o fim por seus direitos. O movimento sindical apostará nas negociações até o dia 23 de setembro e não será irresponsável em acabar imediatamente com as discussões como quer o vice-presidente. Se as negociações não transcorrerem com a seriedade e o respeito devidos, a resposta será à altura.



BANCO PARA O BRASIL

Acorda Diretoria!

SOMOS 450 MIL
Juntos para avançar!

Mais
Salário

Mais
Bancári@s

Melhor
Qualidade
de Vida

NEGOCIAÇÕES

Prorrogado o acordo aditivo com o BB

Na primeira rodada das negociações para as questões específicas do Banco do Brasil, realizada a quinta, dia 4, em São Paulo, o Comando Nacional dos Bancários e os representantes da empresa prorrogaram até o dia 30 de setembro o acordo coletivo vigente, que

tinha validade até 31 de agosto.

Entre as reivindicações dos trabalhadores, entregues à direção do BB no dia 13 de agosto, estão a negociação de um plano de cargos, carreiras e salários (PCCS) como forma de garantir a ascensão e a valorização do funcionalismo, pagamento das substituições, jornada

de seis horas aos comissionados, fim do voto de minerva na Previ (caixa de previdência), implantação do plano odontológico na Cassi (caixa de assistência) e um BB público para o desenvolvimento.

As negociações específicas com o Banco do Brasil ocorrem concomitantemente às gerais da

categoria com a federação dos bancos (Fenaban).

Ainda não há calendário para os próximos debates com o BB. "Se isso continuar, vamos entender como uma afronta do banco ao funcionalismo", ressalta Eduardo Araújo, diretor do Sindicato e da Contraf/CUT.

Negociações na Fenaban vão até o dia 23

A segunda rodada de negociação entre o Comando Nacional dos Bancários e a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban), na terça-feira 2, em São Paulo, resultou em avanços importantes nas questões relacionadas ao assédio moral e à violência organizacional.

Houve entendimento quanto à necessidade de se implantar uma política permanente de combate a

esses problemas nos locais de trabalho. Foi estabelecido também que as boas práticas de relações interpessoais devem constar como critério para a promoção profissional.

Na avaliação do presidente do Sindicato, Rodrigo Britto, esses são aspectos positivos porque "envolvem questões presentes no dia-a-dia dos bancários e que precisam de respostas efetivas".

Calendário de negociações

8 e 9 de setembro

Emprego, questões sociais e cláusulas renováveis da Convenção Coletiva dos Bancários.

16 e 23 de setembro

Remuneração total.

Nova negociação sobre superávit da Previ dia 11

Em mais uma rodada de negociação sobre a utilização do superávit da Previ (Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil), realizada na quarta-feira 3, na Gepes São Paulo, os representantes dos associados reafirmaram a pauta de reivindicações.

Na opinião da diretora do Sindicato e conselheira deliberativa eleita da Previ, Mirian Fochi, é preciso mais agilidade nas negociações. "A pauta de reivindi-

cações foi entregue em fevereiro e, desde então, pouco se avançou nas rodadas. Vamos lutar por um acordo justo, que contemple todos os associados", ressaltou.

Prioridades da negociação

- Reajuste extraordinário para todos os aposentados e pensionistas, incorporando este índice para as futuras aposentadorias, com patamar mínimo de R\$ 500;

- Aumento no percentual das pensões;
- Aumento do teto de benefícios para 100% da média salarial da ativa.

Os representantes dos associados reivindicaram, ainda, o fim do voto de minerva no Conselho Deliberativo, a volta das prerrogativas do Corpo Social, a volta da eleição para a Diretoria de Participações e o cumprimento do

acordo realizado em 2007 sobre a aposentadoria antecipada para as mulheres.

Representantes dos associados da ativa e de aposentados agendaram com o banco reunião para a próxima quinta-feira, dia 11, para dar continuidade às negociações. Nesse período, a Previ dará continuidade aos cálculos que vem realizando sobre o impacto de cada uma das propostas apresentadas.

Sindicato faz manifestações na Praça do Relógio e em agências de Taguatinga

Dando continuidade à Campanha Nacional dos Bancários, o Sindicato realizou na terça-feira 2 manifestações na Praça do Relógio, centro de Taguatinga, e em agências da região. Pela manhã, os dirigentes sindicais iniciaram as atividades no centro da cidade-satélite, dialogando com a população. Destacaram os principais problemas do sistema financeiro nacional: falta de funcionários, metas abusivas, sobrecarga, terceirização, extrapolação da jornada de trabalho, entre outros.

À tarde, os diretores do Sindicato percorreram agências de Taguatinga para dialogar com os bancários sobre a perspectiva das negociações com a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban).

“Em todas as atividades realizadas pelo Sindicato, clientes e população demonstraram total apoio às reivindicações dos bancários. Agora só falta os banqueiros enxergarem o que todo mundo já vê”, afirma Rodrigo Britto, presidente do Sindicato.



CCPs param, ilegalidades continuam

Em 5 de maio deste ano, o BB comunicou a reabertura das Comissões de Conciliação Prévia (CCPs). Isso depois de muita cobrança da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf/CUT) e dos sindicatos por todo o país. No entanto, apenas quatro meses depois, o resultado da “medida” é praticamente nulo.

Há mais de um mês que os valores – irrisórios – deixaram de ser pagos. O que já era pouco, principalmente para os casos de horas extras e de desvio de função entre os ex-funcionários que têm direito a 7ª e 8ª hora, virou nada.

Para o diretor do Sindicato, Rafael Zanon, “anunciar que as comissões foram reabertas e

depois inviabilizá-las é uma demonstração de total descaso para com esse tipo de instrumento de mediação das questões trabalhistas”.

E o que é pior: o banco trava as CCPs e faz correr soltas as ilegalidades. Usa e abusa da lateralidade, o desrespeito à jornada é cada vez maior... Parece não haver limites na agressão aos direitos dos trabalhadores.

Com isso, o passivo trabalhista cresce de forma assustadora. “Onde está a responsabilidade desse pessoal que comanda o banco na virada de seus duzentos anos de existência? Assim, a instituição pode não chegar a outros 20 anos como banco público que sempre foi”, alerta Zanon.

Delegados sindicais expressam vontade do funcionalismo de ir à greve

A representação de base dos funcionários do BB deu no sábado 6 demonstração de empenho e comprometimento com a mobilização a partir dos locais de trabalho, visando o enfrentamento ao descaso e à arrogância da direção do banco.

Reunião realizada no Sindicato contou grande participação dos delegados sindicais. Todos os setores do banco foram representados. Foram discutidas as ilegalidades que estão ocorrendo

nas agências, como transporte de valores pelos próprios bancários, venda casada de produtos e tantos outros. Foi realçada a preocupação com o adoecimento dos bancários por conta da pressão por metas e da carência de pessoal. A lateralidade, o descumprimento da jornada de 6h e o piso salarial baixado foram também destaques nas discussões.

Os delegados sindicais se mostraram alarmados com o rumo que essa diretoria está dando ao banco. Repudiaram o conteúdo do discurso do vice-presidente Luiz Oswaldo em reuniões com gerentes e não deixaram dúvida quanto à vontade do funcionalismo de ir à greve para ter seus direitos respeitados e suas reivindicações atendidas.



Diretores do Sindicato se reúnem com funcionários da CSO

O Sindicato realizou na quinta-feira 4 café da tarde com os funcionários da Central de Serviços Operacionais (CSO). Foram discutidos os principais problemas e as reivindicações da categoria.

O que queremos

Os eixos da campanha específica são:

- Abertura imediata de negociação sobre PCCS;
- Fim da lateralidade e pagamento das substituições;
- Jornada de 6 horas para comissionados;
- Fim do voto de minerva na Previ;
- Implantação imediata do Plano Odontológico na Cassi;
- Banco do Brasil para o desenvolvimento

JORNADA DE 6 HORAS (7ª E 8ª)

Sindicato vai realizar novas plenárias jurídicas

O debate sobre o descumprimento da jornada de seis horas vai continuar em todas as dependências do banco. O Sindicato e os delegados sindicais vão realizar novas plenárias jurídicas. É importante a participação e a contribuição de todos os bancários do Banco do Brasil.

O objetivo das plenárias é esclarecer o assunto aos bancários prejudicados por essa ilegalidade praticada pelo banco e discutir as possíveis ações judiciais.

É lei. Os bancários que cumprem jornada de oito horas, mesmo que remunerados com gratificação, mas sem configurar função de confiança, terão por direito haver da instituição financeira as horas excedentes à sexta, adicionadas do percentual de cinquenta por cento.

Sindicato apóia operação do Procon que fiscaliza cumprimento da Lei da Fila

O Instituto de Defesa do Consumidor (IDC – Procon/DF) iniciou na semana passada operação de fiscalização pelo cumprimento da Lei da Fila, que estipula o tempo máximo de 30 minutos de espera para atendimento na caixa. Na segunda-feira 1º de setembro, cinco agências do Banco do Brasil foram autuadas no DF. O Sindicato apóia a blitz do órgão e vai continuar lutando para que a instituição financeira aumente o número de funcionários, melhore as condições de trabalho e amplie o horário de atendimento aos clientes.

“Os bancários também são vítimas do descumprimento das leis pelos bancos. Muitas vezes os caixas são obrigados a trabalhar ininterruptamente, sem o intervalo de 10 minutos a cada uma hora, para conseguirem atender o maior número de clientes, correndo o risco de adquirirem lesão por esforço repetitivo e ficando estressados pela pressão do público e dos gerentes”, afirma Rafael Zanon, diretor do Sindicato.



A operação

A operação, que vai durar 15 dias, é resultado do grande número de reclamações registradas pelo Instituto de Defesa do Consumidor, cerca de 500 nos últimos meses. O Banco do Brasil está no topo da lista das instituições denunciadas, com 312 queixas, seguido do Unibanco (18) e da Caixa Econômica Federal (5).

O Código de Defesa do Consumidor prevê multa de até R\$ 3,193 milhões aos bancos que descumprirem a lei. O valor é estipulado levando-se em conta o patrimônio da instituição e o grau

de prejuízo ao consumidor.

O presidente do Sindicato, Rodrigo Britto, explica que a origem do problema está na política de segmentação bancária e terceirização de serviços promovida pelos bancos, reduzindo os postos de trabalho. “Trata-se de uma grande distorção produzida pelas instituições financeiras, da década de 80 para cá, para burlar a legislação trabalhista e excluir clientes de baixo poder aquisitivo das agências”, explica Britto.

A estratégia consiste em segmentar a categoria, com as terceirizações e, principalmente, a criação dos correspondentes bancários.

“Para se ter idéia, de um milhão, fomos reduzidos a pouco mais de 400 mil bancários nesse período”, complementou.

Com número reduzido de funcionários para atender uma demanda cada vez maior, filas enormes é apenas a parte visível da situação caótica que bancários e clientes enfrentam nas agências. O Sindicato vem denunciando a situação sistematicamente e vai cobrar uma solução dos banqueiros nesta Campanha Nacional dos Bancários 2008.

“Convocamos a sociedade para também atuar como agentes fiscalizadores do atendimento bancário. A falta de funcionários nos guichês de caixa é apenas a ponta do iceberg da busca desenfreada dos bancos pelos lucros exacerbados, onde estipulam metas de conquista e fidelização de mais clientes, mas sem abrir mão dos altos juros, das taxas e tarifas. As instituições financeiras ainda se negam a aumentar o quadro de funcionários e a conceder-lhes um salário mais digno e condições satisfatórias de trabalho”, destaca Eduardo Araújo, diretor do Sindicato e da Contraf/CUT.

BB pensa e age como banco privado

O Banco do Brasil superexplora seus funcionários. Obriga-os a cumprir metas impossíveis. O ritmo de trabalho vem aumentando, a pressão no dia-a-dia e o assédio moral estão insuportáveis. Resultado: as doenças do trabalho crescem de forma assustadora dentro do banco, principalmente aquelas relacionadas à saúde mental, além da piora do atendimento aos clientes.

O BB é o maior banco do Brasil. Mais de 70% de suas ações pertencem à União, ou seja, ao povo brasileiro. Por isso, deveria

ser um banco voltado para alavancar o desenvolvimento econômico e social do país.

O banco poderia, por exemplo, baixar os juros e as tarifas bancárias para forçar o resto do sistema financeiro a fazer o mesmo. Deveria ampliar a oferta de crédito aos micro e pequenos empreendedores, os que geram a maior quantidade de empregos no país. Poderia dar mais ênfase à integração de cadeias e arranjos produtivos locais, para incentivar o desenvolvimento regional sustentável. Deveria ter uma políti-

ca de microcrédito, impulsionadora da inclusão social.

Mas o Banco do Brasil não faz nada disso. O máximo da ousadia do BB é disputar o mercado com o Bradesco, com o Itaú, com o Santander, com o HSBC... E nessa competição, usa as mesmas estratégias e a mesma lógica dos bancos privados. O objetivo é ter lucros cada vez maiores, gerando passivo trabalhista com a exploração dos seus funcionários.

É por isso que a direção do BB expulsa a população pobre das agên-

cias, discriminando quem tem renda mensal inferior a R\$ 2 mil. Só pensa em vender produtos. Diminui o número de caixas. Oferece péssimo atendimento aos clientes e usuários, obrigados a perder tempo nas filas.

A preocupação da direção do BB tem sido apenas a posição do banco no ranking das instituições financeiras, custe o que custar. Pode custar sacrifício ainda maior por parte dos funcionários e também desfiguração ainda maior do papel da instituição Banco do Brasil no desenvolvimento sócio-econômico do país.